

SALTO PARA O
FUTURO

LITERATURA DE CORDEL E ESCOLA

Ano XX Boletim 16 - Outubro 2010

SUMÁRIO

LITERATURA DE CORDEL E ESCOLA

Apresentação da série	3
<i>Rosa Helena Mendonça</i>	
Proposta da série	4
<i>Arievaldo Viana</i>	
Texto 1 - Origens da Literatura de cordel	8
<i>Arievaldo Viana</i>	
Texto 2 - Temáticas e características da Literatura de cordel	13
<i>Marco Haurélio de Farias</i>	
Texto 3 - Cordel: da feira à sala de aula	20
<i>Arievaldo Viana</i>	

LITERATURA E CORDEL E ESCOLA

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE

Para Paul Zumthor, medievalista, que se tornou conhecido no Brasil sobretudo a partir da publicação, em português, do seu livro *A letra e a voz*¹, a Literatura de cordel preserva, na palavra escrita, a sonoridade e a gestualidade. Esse é um forte exemplo, ainda segundo o autor, de que oralidade e escritura não devem ser vistas de forma dicotômica.

E no Cordel, é “a palavra gesticulada dos poetas”, ainda segundo Zumthor, que emerge dos folhetos, evocando memória e tradição em suas métricas e rimas, por meio de narrativas as mais diversas.

No Brasil, o folheto de cordel foi, e continua sendo, o primeiro livro de leitura de muita gente, em especial na Região Nordeste do país. O gênero, no entanto, migrou na bagagem de poetas e cantadores para as diversas regiões, marcando presença em diferentes espaços como feiras, bibliotecas, escolas...

Na sala de aula, o cordel apresenta-se como recurso inestimável de leitura. Conhecer a história do Cordel e de seus mais destacados

representantes, bem como investigar as diversas formas de utilização dos folhetos com os alunos desde a alfabetização, são objetivos da série *Literatura de cordel e escola*, que a TV Escola apresenta na tradicional Semana da Poesia do canal, por meio do programa Salto para o Futuro, com a consultoria de Arievaldo Viana, poeta, pesquisador e idealizador do projeto *Acorda Cordel na Sala de Aula*.

Nos textos da publicação eletrônica e nos programas televisivos são abordados temas como: a história do cordel, temáticas e representantes do gênero, a interseção entre literatura, música, artes plásticas, teatro, cinema, como característica da força expressiva do Cordel e, finalmente, sua utilização na sala de aula em diferentes atividades e projetos.

Esperamos que a série contribua para novos trabalhos e para a divulgação entre as novas gerações dessa expressão tão marcante da cultura brasileira.

Rosa Helena Mendonça²

1 ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

2 Supervisora pedagógica do programa Salto para o Futuro/TV ESCOLA (MEC).

LITERATURA DE CORDEL E ESCOLA

PROPOSTA DA SÉRIE

Arievaldo Viana¹

Levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores têm se alfabetizado. E quando em nosso país for tratada seriamente a questão da educação do trabalhador, os professores e assistentes sociais poderão encontrar, na Literatura de Cordel, valioso auxílio para o bom êxito das tarefas. (Renato Carneiro Campos. In: Ideologia dos Poetas Populares. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais / MEC/FUNARTE, 1977).

1. INTRODUÇÃO

Cresce cada vez mais o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, em especial das escolas públicas da Região Nordeste, pela Literatura de Cordel. Esse poderoso veículo de comunicação de massas, que já foi oportunamente batizado de “professor folheto”, tem sido responsável, durante muitos anos, pela alfabetização de milhares de nordestinos, constituindo, em muitos casos, o único tipo de leitura a que tinham acesso as populações rurais na primeira metade do século XX.

Existem vários livros sobre o assunto, falando da contribuição da Literatura de Cordel para

alfabetização e das muitas maneiras como o folheto pode ser utilizado na sala de aula. É o caso específico do livro *Acorda Cordel na Sala de Aula*, (Editora Queima-Bucha), de Arievaldo Viana e também *Cordel na sala de aula*, de Helder Pinheiro e Ana Cristina Marinho Lúcio, da série *Leitura & Ensino* (São Paulo, Livraria Duas Cidades, 2001). Os autores, que também são pedagogos, ressaltam:

Quando levamos os folhetos para a sala de aula, lemos e conversamos sobre as narrativas e a literatura de cordel em geral; nos dias seguintes muitos alunos nos trazem folhetos para mostrar, contam histórias de cantadores, de emboadores, enfim, falam de sua experiência

1 Poeta popular, radialista, ilustrador e publicitário. Criador do projeto *Acorda Cordel na Sala de Aula*, que utiliza a poesia popular na alfabetização de jovens e adultos. Membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Autor de mais de cem folhetos de cordel e de livros sobre a Literatura de cordel. Consultor da série.

com a literatura popular. Esse clima de receptividade no espaço escolar necessita ser melhor trabalhado...

O escritor cearense Gustavo Barroso, em sua obra *Ao som da viola* (1921), assinala que “o ensino das crianças na Grécia antiga começava pela poesia, por ser o meio mais fácil de guardar de memória, nessa época em que o livro era raro (...). Assim pôde o povo grego conservar, carinhosamente, de cor os admiráveis cantos de seus rapsodos.”

A poesia popular nordestina, que ainda sobrevive nos dias de hoje, é herdeira direta da tradição grega, eivada de influências dos trovadores medievais da Península Ibérica. Essa poesia, antes difundida pela tradição oral, passou a ser publicada sistematicamente, a partir da última década do século XIX, pelo poeta paraibano Leandro Gomes de Barros.

Conhecedores da enorme contribuição do cordel para alfabetização do povo nordestino ao longo de mais de um século, criamos o Projeto Acorda Cordel na Sala de Aula,

que visa à utilização de folhetos e romances como recurso pedagógico, sobretudo na alfabetização de crianças, jovens e adultos.

Em 2002, o poeta ARIEVALDO VIANA lançou um manifesto em forma de folheto de cordel, conclamando os professores de todo o Brasil a utilizarem a poesia popular como ferramenta nas escolas:

O cordel é um veículo
De grande penetração.
Nas camadas populares
Possui grande aceitação.
Se a métrica não quebra o pé,
Tem contribuído até
Para alfabetização.

Pois o cordel sendo usado
Para ALFABETIZAÇÃO
Deve respeito à linguagem
Corrente em nossa nação.
Não deve ensinar errado,
Nem pode ser embalado
Nas plumas da erudição.

5

TEXTOS DA SÉRIE LITERATURA DE CORDEL E ESCOLA²

A série *Literatura de cordel e escola* tem como proposta discutir as origens deste gênero literário e sua presença nas escolas de Ensino Fundamental. Serão enfocados nos programas: a literatura de cordel no Brasil e seus principais autores; os temas abordados nos folhetos, como osc-

² Estes textos são complementares à série *Literatura de Cordel e escola*, que será veiculada no programa Salto para o Futuro/TV Escola (MEC) de 18 a 22 de outubro de 2010.

contos e lendas da tradição oral e as histórias de personagens da cultura brasileira; a utilização do cordel na sala de aula, como um recurso pedagógico para o desenvolvimento da leitura.

TEXTO 1 - ORIGENS DA LITERATURA DE CORDEL

A Literatura de cordel, no Brasil, como a conhecemos, surgiu na Paraíba, há mais de cem anos. Leandro Gomes de Barros (1865-1918) deu o impulso inicial e, ainda hoje, é considerado o maior autor do gênero. Poeta de muitos recursos, Leandro adaptou para o Cordel desde lendas sertanejas até histórias das *Mil e uma noites*. Definiu, assim, o caminho que outros poetas trilhariam. José Camelo de Melo Resende (1885-1964), seu discípulo, é autor do maior sucesso editorial do Cordel em todos os tempos, o *Romance do pavão misterioso*. No texto 1, são apresentadas as origens do Romancero Popular Nordestino.

TEXTO 2 - TEMÁTICAS E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA DE CORDEL

A Literatura de cordel abraça vários temas, que vão desde histórias de gracejo e astúcia até o reaproveitamento de contos e lendas da tradição oral. O cangaço está presente em folhetos que, em geral, trazem como protagonista Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião (1898-1938). O mais famoso folheto envolvendo esse mítico personagem, *A chegada de Lampião no Inferno*, de José Pacheco da Rocha, reaparece no filme *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, de Glauber Rocha. No texto 2, falaremos um pouco da interação que existe entre a Literatura de Cordel e as outras artes: música, cinema, teatro, artes plásticas, literatura etc. Veremos também a evolução do cordel ao longo de mais de um século de existência e sua importância para o letramento.

6

TEXTO 3 - CORDEL: DA FEIRA À SALA DE AULA

Vendidos durante muitos anos nas feiras livres, especialmente no Norte-Nordeste e em cidades que receberam migrantes nordestinos, os folhetos de Cordel, hoje, estão presentes nas salas de aula, como recurso pedagógico essencial ao desenvolvimento da Leitura e como parte indissociável da Cultura Brasileira. A presença do Cordel ainda resiste em algumas feiras, mas é na sala de aula que os menestréis contemporâneos têm encontrado um maior número de leitores. Oficinas, palestras e exposições são montadas por poetas e gravadores em eventos promovidos por professores e coordenadores pedagógicos que enxergam no Cordel uma poderosa ferramenta auxiliar na educação. No texto 3, são mostradas as experiências positivas com o Projeto

ACORDA CORDEL NA SALA DE AULA, que já existe há dez anos e percorreu mais de dez estados difundindo o uso do Cordel na sala de aula.

Os textos 1, 2 e 3 também são referenciais para o PGM 4: *Outros olhares sobre Literatura de cordel* e do PGM 5: *Literatura de cordel em debate*.

TEXTO 1

ORIGENS DA LITERATURA DE CORDEL

Arievaldo Viana¹

*Quando ainda não havia²
O rádio e a televisão
E os jornais não chegavam
Pra toda população
O folheto de CORDEL
Era o JORNAL DO SERTÃO*

*Lendo folhetos, então
O nosso povo sabia
Lenda de rei e princesa
E fato que acontecia...
Por ser cultura do povo
Inda resiste hoje em dia.*

O Romancero Popular Nordestino, herdeiro da oralidade dos trovadores medievais e da Literatura de cordel europeia – que era vendida pendurada em barbantes, ou cavalgando cordéis –, adquiriu identidade própria desde os tempos de Gregório de Matos Guerra, o primeiro poeta brasileiro a compor sátiras com a mesma espontaneidade adotada pelos autores dos chamados folhetos de

feira. Porém, o poeta considerado fundador dessa escola literária é o paraibano Leandro Gomes de Barros (Pombal, 1865 – Recife, 1918), autor de mais de 600 histórias rimadas, publicadas em milhares e milhares de edições. Para o poeta Carlos Drummond de Andrade, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, em 1976, Leandro seria o verdadeiro PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS, posto

1 Poeta popular, radialista, ilustrador e publicitário. Criador do projeto Acorda Cordel na Sala de Aula, que utiliza a poesia popular na alfabetização de jovens e adultos. Membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Autor de mais de cem folhetos de cordel e de livros sobre a Literatura de cordel. Consultor da série.

2 Todas as estrofes em SEXTILHA são da autoria de Arievaldo Viana e estão no CD do projeto ACORDA CORDEL NA SALA DE AULA, na voz dos cantadores Geraldo Amâncio e Zé Maria de Fortaleza.

conferido a Olavo Bilac, por um grupo de intelectuais do início do século XX. O poeta de Itabira conclui o seu texto reafirmando a importância do grande poeta paraibano: *Não foi príncipe dos poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão, e do Brasil em estado puro.*

Leandro deu ao Romanceiro Popular Brasileiro uma identidade nacional. Essa identidade brasileira pode ser observada:

- Na escolha dos temas: os folhetos oriundos de Portugal e Espanha traziam contos populares tradicionais rimados, além de histórias tradicionais como Carlos Magno e os 12 pares de França, Princesa Magalona, João de Calais, Roberto do Diabo e Imperatriz Porcina. Esses temas europeus foram objeto de um longo estudo por parte do folclorista potiguar Luis da Câmara Cascudo, numa obra intitulada *Cinco livros do povo*. Ao chegar ao Brasil, o Romanceiro Popular passou a assumir uma nova identidade, versando não apenas sobre os temas tradicionais, mas buscando inspiração em novas fontes como o cangaço, o ciclo do boi, o messianismo, a seca etc.
- Na forma poética: enquanto os folhetos europeus traziam, geralmente, histórias narradas em quadras (estrofes de quatro versos) e os corridos mexi-

canos preferiam motes desenvolvidos em glosas de dez linhas, aqui no Brasil a modalidade preferida pelos poetas é a sextilha (estrofe de seis versos), cada uma contendo sete sílabas poéticas, o que chamamos de redondilha maior. Observa-se ainda o uso da setilha (estrofe de sete versos), do martelo (de dez linhas) e ainda o decassílabo (ou martelo agalopado).

- Na feição gráfica: na Europa e em outros países das Américas, como México, Chile e Nicarágua, os poemas eram impressos em folhas volantes, os chamados corridos. Quando muito, consistia numa folha de papel tamanho ofício dobrada ao meio. Aqui no Brasil, os poemas são bem mais longos, indo do folheto de 8 páginas até o “romance” de 32, 48 ou 64 páginas.

*Muita gente o aprecia
Nas camadas populares
Porque leva informação
E divertimento aos lares
É cultura que resiste,
Forte, apesar dos pesares.*

*– Conheço muitos lugares
Nos cafundós do sertão
Onde o cordel é usado
Para a alfabetização
É o Professor Folheto
Herói da educação.*

A melhor definição para o termo Literatura

de cordel foi feita por pesquisadores da Casa de Rui Barbosa:

Poesia popular, narrativa impressa (...): a que conhecemos hoje como literatura de cordel, é descendente direta do trovadorismo medieval surgido na Península Ibérica – Portugal e Espanha e região provençal do sul da França. Ela chegou ao Brasil na bagagem dos colonizadores e floresceu admiravelmente em todo o país, sobretudo no Nordeste brasileiro. A princípio, o trovadorismo ficou retido na oralidade, dando surgimento aos cantadores e poetas populares que faziam circular as suas trovas em cadernos manuscritos.

A arte do trovadorismo, proveniente da Península Ibérica, chegou ao Novo Mundo, e floresceu tanto na América Espanhola quanto na América Portuguesa. Houve um tipo de literatura popular em verso no México, Chile, Nicarágua e Argentina muito parecido com o folheto nordestino...

O que torna o nosso Romanceiro bastante singular é influência da Civilização do couro, durante o Ciclo do gado, que ensejou o aparecimento de cangaceiros, vaqueiros e cantadores.

Outra particularidade do folheto nordestino é seu formato padrão adotado desde os primórdios por Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Francisco das Chagas Batista e outros poetas-editores. Os folhetos

impressos no Nordeste medem geralmente 11 x 15,5 cm - um ofício dobrado em quatro partes -, o que corresponde a oito páginas, que podem se multiplicar para 16, 24, 32, 40, 48 ou mais páginas, sempre múltiplas de oito, conforme o tamanho do texto.

A literatura de cordel brasileira surgiu de maneira tardia, porque antes da vinda da Corte Portuguesa, em 1808, era proibida a existência de prelos aqui no Brasil. A poesia popular oral ou manuscrita, que já existia desde os tempos de Agostinho Nunes da Costa, seus filhos Nicandro e Hugolino do Sabugi, Inácio da Catingueira e Romano da Mãe D'água, só viria a se servir dos tipos móveis quando o poeta Leandro Gomes de Barros mudou-se da Vila do Teixeira, na Paraíba, para Vitória de Santo Antão (PE), e passou a editar os primeiros folhetos nas tipografias de Recife.

*Leandro Gomes então
Foi o grande pioneiro
Na publicação de versos
Por este Brasil inteiro
Nasceu lá na Paraíba
Este vate brasileiro.*

*- Usando o canto guerreiro
Da Gesta Medieval
Antigas lendas Ibéricas
Contos de fada, afinal,
Foi que Leandro moldou*

*Essa arte magistral. (Azulão - Cantador /
declamador)*

A maior contribuição de Leandro Gomes de

Barros para a Literatura de cordel foi ajustá-la à cultura e a realidade brasileira, criando tipos como o Boi Misterioso, o Cancão de fogo e reproduzindo a saga de Antonio Silvino e demais cangaceiros de seu tempo. Crítico mordaz da política e dos costumes, Leandro fez da sátira a sua principal arma contra as mazelas que afligiam as classes excluídas do Nordeste.

- Deu ao folheto afinal
Um formato brasileiro
Revendo o “Ciclo do Gado”
Criou o “Boi Mandingueiro”
Falou de Antônio Silvino
Um famoso cangaceiro.

- De títulos quase um milheiro
Nosso Leandro escreveu
Sustentou mulher e filhos
Com a arte que Deus lhe deu
Propagou pelo Nordeste
Somente disso viveu.
(CANTADOR/NARRADOR)

Boa parte desses folhetos tornaram-se verdadeiros clássicos do gênero e são reeditados até hoje, tanto no Nordeste (pelas editoras tradicionais), quanto no Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) através de antologias ou mesmo em edições feitas pela Editora Luzeiro (São Paulo) e ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), cuja sede fica no bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Outros, bem mais raros, podem ser encontrados

na internet, em edições em fac-símile, digitalizadas no formato PDF.

Onde encontrar folhetos raros no formato digital:

Casa de Rui Barbosa:

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/>

Jangada Brasil:

<http://www.jangadabrasil.com.br/indice/edicoes/edicao93.asp>

Fundação Joaquim Nabuco:

www.fundaj.gov.br/fundaj2/

A Fundaj possui um dos maiores acervos de literatura de cordel em nosso país. São quase 10 mil títulos abrangendo autores de todas as épocas, desde os pioneiros até os cordelistas que se encontram em plena atividade.

Essa vasta coleção de folhetos de cordel está disponível para consulta no acervo da Biblioteca Central Blanche Knoof, na Fundação Joaquim Nabuco e traz uma boa amostra do romanceiro popular nordestino.

Leandro Gomes de Barros faleceu no dia 4 de março de 1918, aos 53 anos de idade, mas a essa altura, a publicação de folhetos já havia se tornado um comércio lucrativo e atraiu a atenção de outros editores, como Chagas Batista e João Martins de Athayde...

- Quando Leandro morreu
O cordel continuou
João Martins de Athayde
Muito tempo publicou
Obras de vários poetas
E assim o consolidou.

- A informática chegou
Com a globalização
Com antenas parabólicas
Espalhadas no sertão
Mas o folheto garante
Boa comunicação.

- Agora, na EDUCAÇÃO
O folheto faz figura
As escolas descobriram
Que o cordel é cultura
Meus parabéns para nossa
Popular literatura.
(Azulão - CANTADOR / DECLAMADOR)

É isso mesmo. O “PROFESSOR FOLHETO”, como é chamado no NORDESTE, foi responsável pela alfabetização de milhares e milhares de brasileiros. Na primeira metade do século XX, quando cerca de 70% da população nordestina ainda vivia mergulhada

no poço escuro do ANALFABETISMO, o CORDEL estava no auge e os CLÁSSICOS DO GÊNERO, como PAVÃO MISTERIOSO, PROEZAS DE JOÃO GRILO E CACHORRO DOS MORTOS alcançavam tiragens fabulosas, que esgotavam em poucos meses... Lido em voz alta, nas rodas familiares, o cordel era um fonte inesgotável de entretenimento, sobretudo para as populações da zona rural. São inúmeros os intelectuais e artistas nordestinos que testemunham a importância da Literatura de cordel na sua formação cultural, principalmente como ferramenta auxiliar no processo de alfabetização.

Hoje, novos olhares acadêmicos são lançados sobre o Romancero Popular, que não é mais considerado uma arte menor e sim uma ESCOLA LITERÁRIA BRASILEIRA, a exemplo do Romantismo, do Parnasianismo e do Condoreirismo.

O cordel tem interagido com diversas outras artes. Ele está presente na Literatura de Jorge Amado, no Teatro de Ariano Suassuna, no Cinema de Guel Arraes, na xilogravura de J. Borges e nas ilustrações do pernambucano Jô Oliveira...

TEXTO 2

TEMÁTICAS E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA DE CORDEL

Marco Haurélio de Farias¹

1. TEMÁTICA

A Literatura de cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares, com predominância dos contos de encantamento ou maravilhosos). É a literatura que reaproveita temas da tradição oral, com raízes no trovadorismo medieval lusitano, continuadora das canções de gesta, mas também espelho social de seu tempo. Com esta última finalidade, a Literatura de cordel receberá o qualificativo – verdadeiro, porém reducionista – de “jornal do povo”. O cordelista, como hoje é conhecido o poeta de bancada, é parente do menestrel errante da Idade Média, que, por sua vez, descende do rapsodo grego.

*No Nordeste brasileiro,
Conservados na memória,
Romances, contos e xácaras
Lembravam a antiga glória
De Portugal e da Espanha,*

De que nos fala a História.

*Era esse o tempo das gestas
Dos cavaleiros andantes,
E essa poesia rude
Dos bardos itinerantes
Foi trazida para a América
No bojo dos navegantes.*

*Essa poesia foi
Cantada pelos jograis,
Celebrando os grandes feitos
Dos heróis medievais,
E também falando sobre
Romances sentimentais.*

*E quando começa o ciclo
Das Grandes Navegações
De Portugal e da Espanha,
As antigas tradições
Vão se acomodando aos poucos
Pelas novas possessões.*

(TRECHO DO FOLHETO: O CORDEL; SEUS VALORES, SUA HISTÓRIA, de Marco Haurélio e João Gomes de Sá.)

¹ Cordelista, professor e pesquisador. Coordena, pela Editora Nova Alexandria, a coleção Clássicos em Cordel.

O Cordel abarca os mais variados temas, desde as histórias jocosas, como Proezas de João Grilo e O Cavalo que Defecava Dinheiro, até dramas históricos, como Joana D'Arc, Heroína da França e Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos.

A Literatura de cordel, desde o seu início, no final do século XIX, se abeberou de fontes como o romanceiro tradicional. Desta fonte da tradição oral nasceram histórias, como *A Triste Sorte de Jovelina* (de Sátiro Xavier Brandão) e *Brás e Anália* (de Joaquim Batista de Sena). Os dois cordéis contam basicamente a mesma história: um casal separado pela condição social adversa: a moça rica é impedida pelo pai de namorar o rapaz pobre. Combinam uma fuga, mas a moça termina sendo morta por uma onça. Há um romance de autor desconhecido chamado *José e Maria* (recolhido em Parapiranga, Bahia, pelo folclorista sergipano Jackson da Silva Lima, e em Igaporã, Bahia, pelo cordelista Marco Haurélio) que traz o embrião desta história.

Abaixo a versão recolhida por Marco Haurélio:

*Idade de doze anos,
José e Maria amava,
Mas o velho pai da moça
Com isso não concordava.
Nas cartas que escrevia,
Com tristeza, ela falava:
"Acho melhor nós fugir".
Outro jeito não achava.*

*Combinaram de encontrar
Na mata do Tombador.
Maria saiu de casa,
A má sorte acompanhou.
Bem na volta do caminho,
Onde a onça lhe pegou.
Maria tinha um xale branco.
No lugar ele ficou.*

*José conheceu o xale,
Pela mata foi entrando.
A trança do seu cabelo
Na picada foi achando.
Chegou na beira do rio,
Do outro lado foi nadando.
Chegou na gruta da pedra.
A onça tava esperando.*

*José viu Maria morta.
Pela gruta ele entrou.
Arrancou de seu punhal,
Com a fera ele lutou.
Arrancou de seu revólver,
Ela lhe desafiou.*

*Foi passando um caçador,
José inda pôde falar:
"Dê lembrança a minha família,
Que não posso mais voltar.
Maria morreu por mim,
Por ela vou me acabar.
Aqui dentro destas pedras
Três almas cá vão ficar.*

*Nós não casamos na terra,
Mas no céu vamos morar".*

Além dos romances trágicos, o Cordel abraça outras temáticas:

- HISTÓRIAS JOCOSAS OU DE GRACEJO: são histórias que exploram o riso e se baseiam em facécias e anedotas de origem popular. Outras, como *A Intriga do Cachorro com o Gato*, são invenções do próprio poeta. *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, publicado em 1932, é um dos *best-sellers* do cordel brasileiro. A história gira em torno de João Grilo, espécie nordestina de Pedro Malazarte, personagem que serviu de inspiração ao protagonista da peça teatral *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

Trecho do cordel:

*João Grilo foi um cristão
que nasceu antes do dia,
criou-se sem formosura,
mas tinha sabedoria
e morreu depois da hora
pelas artes que fazia.*

*E nasceu de sete meses,
chorou no bucho da mãe;
quando ela pegou um gato
ele gritou: “não me arranhe
não jogue neste animal
que talvez você não ganhe”.*

*Na noite que João nasceu
houve um eclipse da lua*

*e detonou um vulcão
que ainda continua,
naquela noite correu
um lobisomem na rua.*

*Porém João Grillo criou-se
pequeno, magro e sambudo
as pernas tortas e finas
a boca grande e beijudo.
No sítio onde morava,
dava notícia de tudo.*

Outras obras de gracejo:

O Batizado do Gato (de Arievaldo Viana)

Presepadas de Chicó e Astúcias de João Grilo

(de Marco Haurélio)

*Os Dez Mandamentos do Preguiçoso em
Cordel* (de Varneck Nascimento)

A Chegada de Lampião no Inferno (de José
Pacheco)

*A Vida de Cancão de Fogo e o Seu Testamen-
to* (de Leandro Gomes de Barros)

A Intriga do Cachorro com o Gato (de José
Pacheco)

- ROMANCES DE ENCANTAMENTO: No Brasil, os contos de encantamento, também chamados de Contos Maravilhosos, chegaram com o europeu e aqui se fixaram desde os primeiros dias da Colonização. Folcloristas como Silvio Romero e Luís da Câmara Cascudo recolheram várias destas histórias. Os poetas populares nordestinos, nascidos e criados num ambiente em que

o hábito de contar histórias era muito comum, mantiveram viva a tradição dos bons contadores de histórias. Desta forma, nasceram clássicos como:

Juvenal e o Dragão (de Leandro Gomes de Barros)

O Príncipe do Barro Branco e a Princesa do Vai-Não-Torna (de Severino Milanês)

Os Três Conselhos da Sorte (de Manoel D'Almeida Filho)

A Bela Adormecida no Bosque (de João Martins de Athayde)

A Vitória do Príncipe Roldão no Reino do Pensamento (de Severino Gonçalves de Oliveira)

O Príncipe João Sem Medo e a Princesa da Ilha dos Diamantes (de Francisco Sales Arêda)

A Princesa Rosamunda e a Morte do Gigante (de José Pacheco)

As histórias de encantamento não perderam a atualidade. São vários os títulos escritos por autores do Cordel contemporâneo. Exemplos:

O Príncipe do Oriente e o Pássaro Misterioso (de Klévisson Viana)

História da Moura Torta (de Marco Haurélio)

O Castigo da Inveja e a Filha do Pescador (de Arievaldo Viana)

- HISTÓRIAS DE LAMPIÃO: são muitas as histórias que envolvem Virgulino Fer-

reira da Silva, o Lampião (1898-1938), o mais famoso facínora da história do Brasil. Ainda em vida, desafiando os governantes de vários estados do Nordeste Brasileiro, Lampião já era um mito. Há muitos folhetos de Cordel narrando a vida aventureira do Rei do Cangaço. O mais famoso é *Os Cabras de Lampião*, de Manoel D'Almeida Filho, verdadeira epopeia sertaneja em 632 sextilhas.

TRECHO INTRODUTÓRIO DE OS CABRAS DE LAMPIÃO:

*Entre os fatos mais falados
Pelas plagas do sertão,
Temos as grandes façanhas
Dos cabras de Lampião
Mostrando quadras da vida,
Do famoso capitão.*

*Em diversas reportagens
De revistas e jornais
Com testemunhas idôneas
Contando fatos reais,
Coligimos neste livro
Lances sensacionais.*

*Desde quando começaram
Os bandidos mais famosos
Que por várias injustiças
Tornaram-se criminosos,
Vingativos, desalmados,
Assaltantes, perigosos.*

*São casos que ainda hoje
Não temos quem os conteste,
Porque ficaram gravados
Nas estranhas do Nordeste
Com sangue, com ferro e fogo,
Como a maldição da peste.*

Outras biografias em Cordel sobre Lampião ou outros personagens do cangaço:

Antônio Silvino: Vida, Crimes e Julgamento
(de Francisco das Chagas Batista)

A Verdadeira História de Lampião e Maria Bonita (de Klévisson Viana e Rouxinol do Rinaré)

Lampião, o Rei do Cangaço (de Antônio Teodoro dos Santos)

Lampião, o Capitão do Cangaço (de Gonçalo Ferreira da Silva)

Lampião: Herói ou Bandido (de João Firmino Cabral)

- HISTÓRIAS DE AMOR E SOFRIMENTO: Com enredos novelescos, estas histórias giram em torno de injustiças, quase sempre reparadas ao final, crimes aparentemente impunes, dramas familiares e tragédias de diversos matizes. No gênero, a maior criação, sem dúvida, é **O Cachorro dos Mortos**, de Leandro Gomes de Barros. A história gira em torno de um crime passionai, do qual a única testemunha é um cachorro chamado Calar. A estrofe inicial traz uma advertência contra a impuni-

dade, baseada na sabedoria popular:

*Os nossos antepassados
Eram muito prevenidos
Diziam: matos têm olhos
E paredes têm ouvidos
Os crimes são descobertos
Por mais que sejam escondidos.*

Outras obras no gênero:

O Enjeitado de Orion (de Delarme Monteiro Silva)

O Romance de um Sentenciado (de João Martins de Athayde)

O Assassino da Honra ou a Louca do Jardim
(de Caetano Cosme da Silva)

Amor de Mãe (de Severino Borges Silva)

O Guarda Florestal e o Capitão de Ladrões
(de Rouxinol do Rinaré)

Amor e Martírio de Uma Escrava (de João Firmino Cabral)

A Vitória de Renato e o Amor de Mariana (do Mestre Azulão)

17

2. CARACTERÍSTICAS

Quando Leandro Gomes de Barros iniciou o processo de editoração de Cordel no Brasil, as publicações estavam próximas do folheto: mais de uma história era publicada num folheto de geralmente 32 páginas (com variações que iam de 8 a 64 páginas). Era uma maneira de manter o interesse do leitor e, assim, garantir futuras vendas. Os edi-

tores pioneiros Pedro Batista (genro de Leandro), Francisco das Chagas Batista (irmão de Pedro e grande amigo de Leandro) e João Martins de Athayde rejeitaram essa tática. As histórias maiores eram editadas em dois ou três volumes, mas não mais no esquema de folhetim. O formato, com pequenas variações, era o 11X15 (que correspondia a uma folha A4 dobrada em quatro partes).

Editoras pioneiras, como a Guajarina de Belém do Pará (que se manteve ativa entre as décadas de 1910 a 1940), mantiveram esse formato.

As edições pioneiras do Cordel não traziam ilustrações na capa. No máximo, arabesco ou vinhetas pinçadas de outras publicações. João Martins de Athayde, a partir de 1921, estabelecido como grande editor no Recife, recorreu a gravuras de artistas contratados, inclusive seu sobrinho Eliezer. Athayde também se valia dos clichês em zincogravura com imagens de cartões postais e de artistas de cinema.

A utilização em escala maior da xilogravura popular se deu com o editor alagoano José Bernardo da Silva, que estabeleceu um parque gráfico em Juazeiro do Norte, Ceará, onde contou com o apoio do Padre Cícero.

Em 1949, José Bernardo comprou direitos de publicação de João Martins de Athayde. Stênio Diniz, neto de José Bernardo, recriou em xilogravuras algumas capas de cordéis clás-

sicos, como *Proezas de João Grilo*, *A Chegada de Lampião no Inferno* e *História da Donzela Teodora*.

Em 1952, a editora paulistana Prelúdio passaria a publicar cordéis no formato que a consagrou, com capa em policromia e tamanho maior que o nordestino (13,5 x 18). Neste mesmo período, o poeta baiano Antônio Teodoro dos Santos apresenta alguns originais à editora. Teodoro escrevia sobre tudo, para todos. Seu cordel *Vida e tragédia do presidente Getúlio Vargas*, de 1954, escrito após o suicídio de Getúlio vendeu, na primeira edição, impressionantes 260 mil exemplares. Começa o período áureo da Literatura de cordel publicada no Sudeste. A obra de Teodoro é vasta e de boa qualidade e, dentre os muitos títulos de sua lavra, ainda se destacam *João Soldado, o valente praça que meteu o Diabo num saco e Lampião, o rei do cangaço*, clássicos incontestes. Em 1973, a Prelúdio mudou o nome para Luzeiro, mantendo-se o formato e o padrão, com inclusão de uma ficha com características da obra e uma biografia do autor.

3. CORDÉIS EM OUTROS FORMATOS

Por muito tempo, o Cordel esteve associado a conceitos reducionistas e como “autenticidade” e “legitimidade”. Parte dos estudiosos via na forma como eram impressos e comercializados os folhetos a principal

característica do Cordel. A qualidade do texto, na maioria dos casos, ficava em último plano. Privilegiou-se a forma em detrimento do conteúdo. As capas em policromia da Luzeiro, tão combatidas pelos estudiosos, tornaram-se as favoritas do público.

O *boom* de publicações de cordéis por editoras de médio e grande porte é um sintoma deste novo tempo. Poetas como Arievaldo Viana, Klévisson Viana, Rouxinol do Rinaré e Manoel Monteiro escreveram livros infantis que aproveitam a linguagem e a fácil comunicação do Cordel nordestino.

Algumas iniciativas editoriais, forma do mercado tradicional, ganharam amplo destaque.

- **Biblioteca de Cordel:** lançada pela editora Hedra, a coleção reúne nomes como Rodolfo Coelho Cavalcante, Patativa do Assaré, Minelvino Francisco Silva, Klévisson Viana, Rouxinol do Rinaré e João Martins de Athayde. Os textos são apresentados por estudiosos da área.

- **Clássicos em Cordel:** lançada pela editora Nova Alexandria, esta coleção apresenta recriações poéticas de clássicos da literatura brasileira e universal. Com grande volume de adoções em escolas e seleções em programas de governo, a coleção reúne alguns dos mais renomados poetas populares da atualidade, como Varneci Nascimento, João Gomes de Sá, Moreira de Acoiara, Geraldo Amâncio, Sebastião Marinho e Marco Haurélio.

Outras iniciativas:

Coleção **Contar em Cordel** (Editora Escala)

Coleção **Contos em Cordel** (Pandas Books)

No Nordeste, as editoras cearenses IMEPH e Conhecimento, com um catálogo variado, já lançaram vários livros infantis, a exemplo de *A Raposa e o Cancão* (de Arievaldo Viana), publicado pela primeira, selecionado para o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

CORDEL: DA FEIRA À SALA DE AULA

Arievaldo Viana¹

CORDEL REVITALIZADO

Desde que surgiram os primeiros folhetos impressos, no último quartel do século XIX, a Literatura de cordel tem sido uma poderosa ferramenta de alfabetização e incentivo à leitura junto as populações do Nordeste. Nas duas últimas décadas do século XX, o Cordel esteve ameaçado de extinção pelo fechamento de várias editoras e o falecimento de grandes poetas do passado.

Um sopro de revitalização só viria a acontecer a partir de 1999 com o surgimento das editoras Tupynanquim (em Fortaleza-CE), Coqueiro (em Recife-PE) e Queima-bucha (Mossoró-RN). Some-se a isso a persistência da Editora Luzeiro (de São Paulo) e do CE-CORDEL (Centro de Cordelistas do Nordeste) que continuavam na ativa nos tempos das “vacas magras”. Posteriormente, o poeta Manoel Monteiro conseguiu implantar um vasto programa editorial em Campina Grande-PB, valendo-se, em algumas circuns-

tâncias, de uma providencial parceria com a Secretaria de Educação do Município.

Também temos indícios de renascimento da Literatura de cordel na Região do Cariri, com o surgimento da Academia dos Cordelistas do Crato. Destacamos ainda o trabalho dos poetas-editores Pedro Costa, em Teresina-PI e Marcelo Soares, em Timbaúba, PE. Em São Paulo, destaca-se o trabalho desenvolvido pela “Caravana do Cordel”, que agrega poetas como Marco Haurélio, Moreira de Acopiara, Varneci Nascimento, Costa Senna, Sebastião Marinho e muitos outros. Atua ainda, no Sudeste, o poeta mineiro Téo Azevedo, que tem sido grande expoente e divulgador do trovadorismo naquela região. Nordestinos radicados no Rio de Janeiro como Mestre Azulão, Marcus Lucenna, Chico Sales Apolônio Alves dos Santos (*in memorian*) e Gonçalo Ferreira, dentre outros, se encarregam de sua propagação por aquelas bandas, principalmente na Feira de São Cristóvão - Rio de Janeiro.

1 Poeta popular, radialista, ilustrador e publicitário. Criador do projeto Acorda Cordel na Sala de Aula, que utiliza a poesia popular na alfabetização de jovens e adultos. Membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Autor de mais de cem folhetos de cordel e de livros sobre a Literatura de cordel. Consultor da série.

Um embrião do Projeto Acorda Cordel foi testado com sucesso pela Secretaria de Educação do município de Canindé. O projeto foi apresentado em Brasília, em dezembro de 2002, durante a III Conferência Nacional de Educação e Desporto, promovida pela Comissão de Educação da Câmara Federal. Na oportunidade, uma caixa contendo doze folhetos foi lançada para um público de mais de três mil pessoas. O poeta Arievaldo Viana participou do evento na qualidade de convidado, ao lado do cartunista Ziraldo (criador do Menino Maluquinho), do cineasta Néelson Pereira dos Santos e da atriz Lucélia Santos, que ficaram encantados com o Projeto.

Finalmente em 2006 saiu a primeira edição desta obra, com tiragem de dois mil exemplares, há muito esgotada. A retomada do Projeto Acorda Cordel agora em 2010 resgata um trabalho vitorioso que deu grande contribuição para difusão da Literatura de cordel nas escolas de todo o Brasil.

O QUE É O PROJETO “ACORDA CORDEL NA SALA DE AULA”

O Projeto Acorda Cordel na Sala de Aula propõe, há dez anos, a revitalização do gênero e sua utilização como ferramenta paradigmática na alfabetização de crianças, jovens e adultos e também nas classes do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O “kit” é composto por uma caixa de folhetos, contendo

12 obras de diferentes autores, acompanhada deste livro (espécie de Manual do Professor) e de um CD com 10 poemas e canções interpretados pelo autor e pelos cantadores Mestre Azulão, Geraldo Amâncio, Zé Maria de Fortaleza e Judivan Macêdo. O livro traz informações sobre as origens da Literatura de cordel, suas regras e modalidades e contém um Curso Prático de Literatura de Cordel com inúmeras dicas para os educadores, acerca da utilização dos folhetos na sala de aula. A novidade, nesta edição, fica por conta do capítulo “Como produzir um folheto de cordel em classe - passo a passo.”

Após o lançamento do livro, em abril de 2006, o projeto correu mundo... Foram centenas de palestras, oficinas e apresentações Brasil a fora. Esse “kit” vem sendo adquirido por secretarias de educação, escolas, bibliotecas ou por iniciativa dos próprios educadores, de várias regiões do Brasil, inclusive através de pedidos por telefone ou pela internet. Aliás, desde o ano de 2000 o projeto vem sendo amplamente divulgado nas escolas através de aulas, oficinas, palestras, simpósios e estudos a partir da linguagem e informações diversas contidas nos folhetos.

Além de estimular o hábito da leitura, estudantes de qualquer faixa etária estão em contato com uma legítima expressão da cultura popular brasileira. Experiências realizadas em cidades como Campina Grande-PB, Palmas- TO, Mossoró-RN, Brasília-DF, Reci-

fe-PE, Uberlândia-MG e diversos municípios cearenses (Canindé, Caridade, Sobral, Maranguape, Boa Viagem, Quixadá, Reriutaba, Pacatuba, Milhã, Limoeiro do Norte, Salitre, Sobral etc.) nos autorizam a afirmar que a receptividade entre os alunos é excelente, sobretudo em atividades como leitura em grupo e até mesmo a elaboração de novos folhetos entre os próprios estudantes. Como se sabe, milhares de nordestinos foram alfabetizados, ao longo de muitos anos, graças ao folheto de cordel. Vejamos o relato do poeta ARIEVALDO VIANA sobre a sua alfabetização:

*Aos cinco anos de idade,
Sem ser alfabetizado
Tive contato com os grandes
Cordelistas do passado.
E de cada menestrel
Fui decorando um cordel,
Mesmo sem ter estudado.*

*Era minha avó quem lia
Cada folheto ou história
De rainha e de princesa,
De sofrimento ou de glória.
Muito atento eu lhe escutava
E pouco a pouco guardava
Algo na minha memória.*

*As proezas de João Grilo,
Testamento de Cancão,
Princesa da Pedra Fina,
Os cabras de Lampião,
Sua Chegada no Inferno,*

*Um clássico que é eterno
Sem conter erudição.*

Conheça agora alguns clássicos do gênero, eleitos pelo povo, que ainda hoje gozam de prestígio junto ao público leitor de todas as faixas etárias. Muitas dessas obras extrapolaram o mundo limitado dos folhetos e foram aproveitadas por outras manifestações artísticas: MÚSICA, TEATRO, CINEMA, QUADRINHOS etc. O cartunista pernambucano JÔ OLIVEIRA, por exemplo, já transformou em “graphic novel” poemas como PAVÃO MISTERIOSO, JOÃO DE CALAIS e ROBERTO DO DIABO.

*O Pavão Misterioso,
De Zé Camelo de Melo,
Narra u’a história fantástica
Com desfecho muito belo...
Também decorei no jogo
Trechos de Cancão de Fogo,
O mais astuto amarelo.*

*Eram todos grandes mestres
Os poetas que escutei.
E muitos de seus poemas
Pouco a pouco eu decorei.
Os seus versos geniais
Me ensinaram muito mais
Que os livros que estudei...*

*Leandro Gomes de Barros,
Mestre Manoel Camilo,
Autor de São Saruê,
Poema de grande estilo;*

*João Ferreira de Lima,
Que mostrou em verso e rima
As proezas de João Grilo.*

*Foi assim que eu aprendi
Ler, escrever e contar.
Dona Alzira, a minha avó,
Resolveu me ensinar
As letras do alfabeto.
E em poucos dias seu neto
Já conseguia soletrar.*

O escritor RIBAMAR LOPES, no prefácio do livro ACORDA CORDEL NA SALA DE AULA, ressalta que antigamente as escolas utilizavam muito a leitura de poemas em voz alta, o que servia para estimular o hábito da leitura e também para desinibir os alunos. Vejamos:

“Em meados de 1940, estudante no grupo escolar da minha cidade no interior do Maranhão, caíram-me às mãos os primeiros folhetos de cordel de que tive conhecimento. Afeito à prática semanal da leitura em voz alta na classe, o ouvido era habituado ao ritmo e à sonoridade dos versos recitados nas sessões literárias, também semanais, em sala de aula, adotei, de pronto, o folheto, incluindo-o entre minhas leituras prediletas. Encantaram-me, além da sonoridade, do ritmo e da harmonia das estrofes, a maneira descontraída como eram contadas histórias fabulosas, de amor ou de aventuras, ou, ainda, de gracejo e de

cunho picaresco, e a objetividade e simplicidade dos textos, elementos que eu já identificara e apreciara, certamente por muito se aproximarem da nossa linguagem coloquial. Logo me vi, nas tardes de domingo, lendo folhetos para famílias da vizinhança, entre as quais não havia pessoas alfabetizadas, ou que, se as houvesse, preferiam a leitura com o entusiasmo, a desenvoltura e a interpretação que eu sabia imprimir àqueles versos.”

*Uma Carta de ABC
E uma velha Tabuada,
Um punhado de cordéis
Numa maleta encantada,
Me deram a luz do saber.
Ali eu pude aprender
Até a História Sagrada.*

*Cada folheto mexia
Com minha imaginação:
Castelos, reis e gigantes,
Princesa, gênio e dragão...
No meu pensamento eu via,
Porque lá não existia
Revista ou televisão.*

*O Conde de Monte Cristo
Eu li, mas foi no cordel.
João Martins de Athayde,
Um famoso menestrel,
Lendo o romance famoso
Fez um cordel volumoso
E passou para o papel.*

*Os Doze Pares de França
Batalhas de Ferrabrás,
História de Pedro Cem,
As queixas de Satanás,
Tudo em linguagem correta
Como A História Completa
Do Herói João de Calais.*

*São histórias fascinantes
Que as escolas devem ter,
Onde os estudantes podem
Pesquisar e aprender.
Em cada biblioteca
Deve ter a CORDELTECA,
Outra fonte de saber.*

*O cordel contém ciência,
Matemática, astrologia,
Noções de física, gramática,
De história e geografia.
Em linguagem popular,
O cordel pode narrar
Tudo isso em poesia.*

Alertamos os professores a respeito do pseudocordel. Alguns escritores, levados pelo modismo, embora não tenham o dom da poesia, estão enchendo o país com uma enxurrada de folhetos desmetrificados, sem métrica e sem rima, ou melhor, sem eira nem beira, como diziam os antigos. É preciso tomar cuidado na hora de compor a sua CORDELTECA, para não comprar gato por lebre...

*Porém, professor, cuidado!
Escute o que eu vou dizer:*

*Nem todo folheto serve,
Tem que saber escolher.
Observe com atenção:
métrica, rima e oração,
Todo cordel deve ter.*

*Cordel desmetrificado
Não dá pra ler em voz alta.
Tem hora que sobra métrica,
Tem hora que a rima falta,
Inda tem pesquisador
Com diploma de doutor
Que esse mau “cordel” exalta.*

*Separe o joio do trigo,
Examine o conteúdo.
A capa é muito importante,
Porém ela não diz tudo..
Para que o bom prevaleça,
Cordel sem pé nem cabeça
Não serve para o estudo.*

*Na dúvida, procure um clássico,
Desses que eu citei aqui,
Pois foi estudando os mestres
Que sei tudo o que aprendi.
E ainda acrescento mais:
São folhetos geniais
Que eu sempre li e reli.*

ALGUMAS OBRAS RECOMENDADAS PARA A ESCOLA:

*12 CONTOS DE CASCUDO EM FOLHETOS DE
CORDEL* – Caixa de folhetos de vários auto-
res - Editora Queima-Bucha.

ROMANCE DE IRACEMA, A VIRGEM DOS LÁBIOS DE MEL (Adaptação da obra de José de Alencar) – Autoria atribuída ao poeta popular Alfredo Pessoa Lima (Paraíba) – Tupynanquim Editora;

A FORÇA DO SANGUE (adaptação de uma novela de Miguel de Cervantes para o Cordel) – Arievaldo Viana (Ceará);

PELEJA DE CEGO ADERALDO COM ZÉ PRETINHO DO TUCUM – Firmino Teixeira do Amaral (Piauí);

ROMANCE DO PAVÃO MYSTERIOSO – José Camelo de Melo Resende (Paraíba);

HISTÓRIA DA DONZELA TEODORA – Leandro Gomes de Barros (Paraíba);

O JUSTICEIRO DO NORTE - Rouxinol do Rinaré (Ceará);

O PAVÃO MISTERIOSO (Editora IMEPH) - Releitura de Arievaldo Viana, com ilustrações de Jô Oliveira, destinada ao público infanto-juvenil.

DIABRURAS DO HOMEM NO PAÍS DA BICHARADA - Vidal Santos (Piauí);

OBRAS-PRIMAS UNIVERSAIS EM CORDEL - Adaptação de Stélio Torquato Lima, caixa com 15 folhetos (Editora Queima-Bucha);

A RAPOSA E O CANCÃO - Cordelivro da Editora IMEPH - Autor: Arievaldo Viana, com ilustrações de Arlene Holanda (Indicado para o PNBE/2008).

A GRAMÁTICA EM CORDEL - Zé Maria de Fortaleza (Ceará);

O HOMEM DO ARROZ E O PODER DE JESUS - José João dos Santos Mestre Azulão (Paraíba);

SALVEM A FAUNA, SALVEM A FLORA, SALVEM AS ÁGUAS DO BRASIL - Manoel Monteiro da Silva (Pernambuco).

A DIDÁTICA DO CORDEL - Zé Maria de Fortaleza/Arievaldo Viana (Ceará);

O PEIXINHO ENCANTADO OU A SORTE DO PREGUIÇOSO - Antônio Francisco Teixeira de Melo (Rio Grande do Norte);

A INTRIGA DO CACHORRO COM O GATO - José Pacheco (Alagoas);

AS PROEZAS DE JOÃO GRILLO - João Ferreira de Lima (Pernambuco);

A ESTÓRIA DO REI, DO RATO E DO GATO - Manoel Monteiro da Silva;

PADRE CÍCERO, O SANTO DO POVO (Edições Demócrito Rocha) - Arievaldo Viana;

VIAGEM A SÃO SARUÊ - Manoel Camilo dos Santos (Paraíba);

ROMANCE DE ROMEU E JULIETA - João Martins de Athayde (Paraíba);

A CHEGADA DE LAMPIÃO NO INFERNO - José Pacheco;

A MEGERA DOMADA - Marco Haurélio (Bahia) - Ed. Nova Alexandria;

AS AVENTURAS DO PORCO EMBRIAGADO - Firmino Teixeira do Amaral;

HISTÓRIA DO SOLDADO JOGADOR / UMA VIAGEM AO CÉU - Leandro Gomes de Barros;

A CASA QUE A FOME MORA - Antônio Francisco Teixeira de Melo;

A LENDA DO VAGALUME - Zé Maria de Fortaleza;

O ABC DA VIDA - Arievaldo Viana;

ARTIMANHAS DE PEDRO MALAZARTES E O URUBU ADIVINHÃO - Klévisson Viana;

PAULO FREIRE E BC NETO - UM CORDEL COMPARATIVO - Arievaldo Viana;

LULA NA LITERATURA DE CORDEL - Antologia organizada por Crispiniano Neto, reunindo mais de 50 folhetos sobre o presidente Lula e a política brasileira dos últimos 40 anos. - Editora IMEPH;

O PRÍNCIPE OSCAR E A RAINHA DAS ÁGUAS - José Bernardo da Silva (Alagoas);

PEDRINHO E JULINHA - José Camelo de Melo Resende;

DONA BARATINHA E SEU CASÓRIO ATRAPALHADO - Arievaldo Viana (Edições Demócrito Rocha);

SANTOS-DUMONT, ASAS PARA O MUNDO - Gonçalo Ferreira da Silva;

BRASIL ALFABETIZADO - ALFABETIZAÇÃO E CIDADANIA - Maércio Lopes (Ceará);

QUER ESCREVER UM CORDEL, APRENDA A FAZER FAZENDO - Manoel Monteiro da Silva;

A AMBIÇÃO DE MACBETH - Arievaldo Viana (Editora CORTEZ - PNBE/FNLIJ 2009);

PELEJA DE RIACHÃO COM O DIABO - Leandro Gomes de Barros;

O DIVÓRCIO DA CACHORRA - Arievaldo e Klévisson Viana;

O HOMEM DA VACA E O PODER DA FORTUNA - Francisco Sales Arede (Pernambuco);

HISTÓRIA DE JOÃO CAMBADINHO E A PRINCESA DO REINO DE MIRAMAR - Inácio Carioca (Pernambuco);

OS AMORES DE CHIQUINHA E AS BRAVURAS DE APOLINÁRIO - Joaquim Batista de Sena (Paraíba);

O SEGREDO DA PRINCESA - João Martins de Athayde;

EPOPÉIA DO BOI CORISCO, OU A MORTE DO VAQUEIRO DESCONHECIDO - Vidal Santos;

O CASTIGO DA INVEJA OU O FILHO DO PESCADOR - Arievaldo Viana;

A FESTA DOS CACHORROS - José Pacheco;

O PROFESSOR SABE-TUDO E AS RESPOSTAS DE JOÃO GRILO - Klévisson Viana e Francisco Leite Quental;

A VIDA DE CANÇÃO DE FOGO E SEU TESTAMENTO - Leandro Gomes de Barros.

GONÇALO FERREIRA, MARCUS LUCENNA, MESTRE AZULÃO E CHICO SALLES, NO RIO DE JANEIRO, ESTÃO LANÇANDO CORDELIVROS PELA EDITORA ROVELLE. EM SÃO PAULO, VÁRIOS AUTORES NORDESTINOS ESTÃO PUBLICANDO SEUS “CORDELIVROS” PELAS GRANDES EDITORAS: ARIEVALDO VIANA (FTD, NOVA ALEXANDRIA E CORTEZ); MARCO HAURELIO (NOVA ALEXANDRIA, PAULUS, LUZEIRO etc.). Temos ainda, em São Paulo: COSTA SENNA, VARNECI NASCIMENTO, SEBASTIÃO MARINHO, dentre outros.

Presidência da República

Ministério da Educação

Secretaria de Educação a Distância

Direção de Produção de Conteúdos e Formação em Educação a Distância

TV ESCOLA/ SALTO PARA O FUTURO

Coordenação-geral da TV Escola

Coordenação Pedagógica

Supervisão Pedagógica

Rosa Helena Mendonça

Acompanhamento Pedagógico

Grazielle Avellar Bragança

Coordenação de Utilização e Avaliação

Mônica Mufarrej

Fernanda Braga

Copidesque e Revisão

Magda Frediani Martins

Diagramação e Editoração

Equipe do Núcleo de Produção Gráfica de Mídia Impressa – TV Brasil

Gerência de Criação e Produção de Arte

Consultor especialmente convidado

Arievaldo Viana

E-mail: salto@mec.gov.br

Home page: www.tvbrasil.org.br/salto

Rua da Relação, 18, 4º andar – Centro.

CEP: 20231-110 – Rio de Janeiro (RJ)

Outubro 2010